

8. Antonio Moreno Muñoz, *Diseño ergonómico de aplicaciones hipermedia*, Barcelona, Paidós, 2000., pp. 106-107.
9. *Ibid*, pp. 126-127.
10. En cuanto a las tareas ociosas y cotidianas, confrontar el texto de Tomás Maldonado, *Crítica de la razón informática*, Paidós, Barcelona, 2000.

11. Op. Cit. Pp. 98-100.
12. Op. Cit.

Pablo Escandón Montenegro. Mtr. Institución: Universidad San Francisco de Quito. Quito, Ecuador.

Artesanato de rendas na moda: design e tecnoarte

Maria de Jesus Farias Medeiros

Orientador: Antônio Germano Magalhães Junior - Doutor em Educação

1. Introdução

O artesanato representa uma fonte inesgotável pela tradição cultural e envolve aspectos nas relações socioculturais, artísticas e econômicas.

No Ceará o artesanato de rendas é uma tipologia tradicional da arte popular transmitida pelos nossos colonizadores a partir do século XVI, quando aqui vieram ocupar nosso espaço territorial. Ao longo da história esta arte foi transmitida de geração para geração, constituindo uma identidade cultural dos fazeres artesanais da nossa cultura. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, a atividade do artesanato representa um “cenário preponderante na ocupação e geração de renda para mais de 8,5 milhões de pessoas”. Dados do Banco do Nordeste apontam 3,3 milhões de pessoas inseridas na atividade somente na região Nordeste Brasileira, onde o quantitativo de artesãos representa um contingente significativo na produção artesanal. Neste contexto o Estado do Ceará conta com uma população de 7.417.402 (Ibge, 2000) e possui potencial de crescimento do artesanato. Existe grande concentração de artesãos/ produção, diversificada e boa aceitação do artesanato no mercado. Isto também se deve ao incentivo e apoio por parte de instituições, por acreditar no potencial de desenvolvimento da produção. O artesanato de rendas tornou-se valorizado nos segmentos de moda, pela sutileza de detalhes onde diversas marcas (grifes) famosas exibem em suas coleções a renda como um artigo de luxo. Assim a moda do vestuário contemporâneo tem ofertado aspectos diferenciados com a produção *had made* (feito à mão) como valor agregado, denotando exclusividade ao produto.

Segundo dados do Banco do Nordeste (2002), “o Ceará é um dos principais centros produtores de artesanato no Nordeste Brasileiro, além de inúmeros estudos, pesquisas, levantamentos e diagnósticos sobre o tema, revela uma preocupação nas várias esferas em aproveitar o potencial econômico e preservar a cultura local”.

2. Artesanato - origem

Pereira (1979:21) descreve sobre as mais remotas manifestações do artesanato, representar um sistema

de produção, advindas desde os tempos primitivos, onde “a divisão do trabalho facilitou o desenvolvimento de habilidades operativas e gerou um processo empírico de adiestramento ocupacional”. Daí surgiram os grupos com desempenho de atividades específicas em várias tipologias de diversas manufaturas. Dentre os bens utilitários de uso doméstico, a produção têxtil significou um bem necessário na fabricação do vestuário. As indumentárias das civilizações antigas continham detalhes criativos em tramas rendilhadas que realçavam alguns enfeites.

No Brasil a arte de fazer renda foi transmitida e aperfeiçoada também pelas mulheres portuguesas a partir da colonização, onde houve maior concentração no litoral de Santa Catarina e no Ceará. A colonização do Brasil se deu no século XVI, período em que a Idade Média na Europa estava vencida. Diante da nova era moderna, a organização dos ofícios praticamente estava desmontada juntamente com a força hegemônica do sistema corporativo no velho mundo. As artes e ofícios implementados pelos colonizadores europeus foram introduzidos durante o descobrimento e colonização, através das missões jesuíticas da Companhia de Jesus, que aqui vieram administrar sua catequese e ensinar os ofícios - artes aplicadas, as meninas índias e adultos que viviam no âmbito das missões (Porto Alegre, 1992). Entende-se o artesanato como uma expressão criativa que o homem foi capaz de produzir, com as mais remotas manifestações, gerando um sistema de produção que data dos tempos primitivos, onde se desenvolveu a divisão do trabalho na forma de ocupação entre os grupos produtivos de bens utilitários. O indivíduo pertence ao núcleo familiar onde se desenvolve o sistema doméstico, causando a “estrutura econômica”, formando assim o “clã-econômico”. Toda produção de bens e utensílios foram desenvolvidas por trabalhos manuais originando a atividade artesanal, por artífices que também foram chamados de “artistas”, cuja profissão era herdada mantendo a tradição dos filhos a aprenderem a “arte” ou “ofício dos pais e seus descendentes. Determinados ofícios eram executados por tecelões, ourives, ceramistas, etc. Desde o Egito Antigo, toda atividade artesanal estava organizada em corporações de ofícios, contribuindo para o desenvolvimento dos centros urbanos que atraíam mais trabalhadores manuais (Pereira, 1997:21).

2.1 Artesanato de rendas: tecedura cultural

O artesanato de renda expressa um bem material, resultado da feitura manual do tecer fios, representa a expressão cultural e artística de um povo. Artística pela conotação criativa realizada através de entrelaçamento de fios ponto a ponto, de cores natural ou colorida onde

se formam teias que se distribuem ritmadas e diversificadas na estrutura dos desenhos formados. Assim a tecedura forma desenhos estruturais, geométricos com harmonia e beleza na sua construção.

“Trançar e tecer são fazeres universais, praticados pelas diferentes culturas, nos lugares mais distantes” (Senac, 2002).

A “arte de fazer” atividades manuais inventadas e criativas representa um traço cultural, originado da pertença de outros povos, que se representa no imaginário social, daqueles que dão continuidade as mais diversas práticas. Este é o sentido semântico da teia social onde se constrói a tecedura cultural.

Fleury (2002:16, apud José Murilo de Carvalho 1999:10) descreve o imaginário social, um construto de ideologias e utopias, incluindo símbolos e alegorias, mitos e tantos outros rituais. Neste contexto a renda expressa o imaginário social, refletindo a sua delicadeza pelo aspecto ornamental, notadamente com requinte que remete à riqueza de detalhes e por isto a renda tem conotação de luxo. Associa-se o ato de “fazer rendas” uma revelação do “símbolo da “cultura.

A beleza da renda e seu encantamento têm motivado cada vez mais o resgate e a valorização desta memória cultural, através de vários registros iconográficos, literários e mais especificamente da história oral. Para Montenegro (1991) a oralidade torna-se uma fonte inesgotável da memória daqueles que detém a sabedoria popular e por isto são denominados de guardiões da memória”. Portanto o artesanato de rendas representa um bem cultural que se perpetuou ao longo da história refletindo a própria cultura popular.

Neste contexto o artesanato de rendas de bilro cearense possui nitidamente a conotação simbólica material, revelado no processo etnográfico no tempo e no espaço e como arte aplicada, possui expressão decorativa por tradição.

2.2 Artesanato de renda e *design* - modernização e inovação

Fleury (2002) exalta a renda trabalhada de forma artesanal no Ceará com particularidade sobre a “arte de fazer rendas”, identificada por renda de bilros, renda da terra, renda de almofada, renda do Ceará, forma uma identidade da expressão artística e cultural local. Como atividade popular o artesanato de renda incorporou os valores permeados no imaginário social.

A classificação de rendas compreende vários tipos encontradas em várias regiões brasileiras. São elas: renda irlandesa ou renascença, labirinto, filé, redendê e renda de bilros, sendo está última a tipologia característica do Ceará.

Entende-se que o artesanato passa por uma nova adequação frente às mudanças tecnológicas, associadas a técnicas de intervenção dos elementos do *design*. A confecção de objetos artesanais corresponde o próprio suporte sobre o qual o homem cria qualquer significado simbólico e torna-se essencial para produzir um trabalho estético que representa a linguagem visual quanto a forma, material, textura, cor, características dos elementos do *design* (Senac, 1997:13)

O *design* torna-se uma ferramenta importante para tornar produtos mais atrativos composto por técnicas apropriadas para melhorar a funcionalidade e a estética. Assim o *design* torna-se um recurso indispensável para se criar, inovar e agregar valor ao produto de moda.

Jones (2004) explica os princípios do *design* um misto de elementos conhecidos para embelezar e combinar produtos variados. Entende-se por princípios de *design*, técnicas que dão forma e conteúdo na elaboração do objeto, onde a composição visual e gráfica se forma através de técnicas aplicadas de elementos de “repetição, ritmo, gradação, contraste, harmonia, equilíbrio e proporção”. Para os produtos de moda do vestuário, onde o artesanato de rendas corresponde ao nosso objeto discursivo, há que se considerar tais referências para atualização e modernização do artesanato.

Considerando o artesanato de rendas, compreende-se a composição visual pelo design têxtil na sua superfície. Para Rubim (2004) o design nunca será apenas uma característica visual, mas sim um conceito. Neste aspecto o conceito representado através de pesquisas de tendências do mercado, trata da busca de dados concretos de informações para comunicar a linguagem de um determinado produto. Portanto os valores conceituais agregam essência da representação gráfica, visual para compreender e sentir o efeito do *design* de superfície têxtil, justificado pelos novos recursos da tecnologia. Na perspectiva de Barroso (2002) a tecnologia oferece novas ferramentas, possível de melhorar o desempenho da atividade produtiva, por facilitar as tarefas, porém não muda o modo de pensar do artesão ou do artista.

3. Rendeiras da Prainha - objeto de análise de inovação: Tecnoarte e Tecnomoda

No Ceará os fazeres da renda tem por tradição a feita manual, desenvolvida sobre uma base (almofada) com bilros, matéria-prima (meadas de linhas) e principalmente o papelão (pique), alfinetes (espinhos), onde se forma o desenho para dá forma à renda. Ofício desenvolvido por mulheres artesãs, é uma prática coletiva das mulheres rendeiras que estão inovando na arte, aprendendo e fazendo novos artigos, apropriando-se dos elementos do *design*, como forma de agregar valor a produção artística do artesanato, promovendo a tecnoarte e a tecnomoda.

A inovação do ofício deve-se a interferência de alguns programas assistenciais desenvolvidos para dá suporte à capacitação de mão-de-obra artesanal. Atuam no incentivo da melhoria e aumento da produção do artesanato de rendas, que figura como produto muito apreciado para consumo de muitos turistas que visitam o Ceará.

Como canal de distribuição local a CEART - Central de Artesanato do Ceará é um espaço de comercialização de artigos e mercadorias, aberto à exposição da produção artesanal.

Dos 147 municípios do Estado, 97 registram a atividade do artesanato de rendas. Porém os municípios de maior produção se concentram em Aquiráz, Cascavel e Beberibe, sendo o distrito de Painha em Aquiráz, o de maior expressão, fruto da associação de mulheres rendeiras que possuem flexibilidade para inovar na produção artesanal. O espaço do Centro das Rendeiras,

consta de 7 boxes e abriga 86 mulheres que trabalham diariamente o ofício de fazer rendas. Os produtos lá encontrados figura um mix de artigos, diversificados de tipos e estilos de peças do vestuário e moda como: camisetas, blusas, saias, calças, vestidos, tops, biquínes, shorts, saída de banho e outras várias de cama, mesa e banho, desenvolvidos com a pura arte da renda de bilros, tecida ponto a ponto, com sutileza e beleza estéticas. Atualmente as cores são bastante variadas e dão o tom do gosto dos clientes e consumidores, embora a cor branca ainda seja predominante, uma forma de afirmar a tradição. A rendeira cearense, exaltada em cantoria de verso e prosa, se confirma na sua simplicidade e vocação daquelas que preservam os valores e costumes de uma artesã genuína. São na maioria mulheres de 30 a 80 anos, que praticam a atividade, pois as mais jovens não demonstram tanto interesse de envolvimento com o fazer manual na atualidade.

Muitas são semi-alfabetizadas, mas detém um potencial criativo, razão da produção artesanal ter se destacado com requinte de inovação, confirmando-se na qualidade e beleza do produto. As diversas criações constam de um mix de produto desenvolvido com muita arte e criatividade extensivo aos acessórios como cintos, faixas, bolsas, chapéus, bijuterias e sapatos.

Diante da exposição, conclui-se as referências ao artesanato de rendas de bilro, uma atividade onde a expressão cultural está associada às características artísticas e econômicas.

No contexto da moda o artesanato tornou-se o elemento diferencial de inserção atrelado ao produto de moda contemporâneo no estilo *had made*, onde o *designer* ou estilista projeta sofisticação e personalidade à sua criação, com visibilidade inovadora do *design* voltado para a produção da tecnomoda x technoarte.

Bibliografia

- Banco do Nordeste (2002) *Ações para o desenvolvimento do artesanato no Nordeste*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 210 p.

- Barroso Neto, Eduardo (2002) *Curso design, identidade cultural e artesanato. Mód. I e II*. Fortaleza: FIEC/IEL/COMPI/SEBRAE.
- Ceará Feito à Mão (2000) *Artesanato e arte popular*. Fortaleza: Terra da Luz. Editorial.
- Fleury, Catherine Arruda Ellwanger (2002) *Rendas de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult.
- Jones, Sue Jelkin. (2005) *Fashion design - Manual do estilista*. São Paulo, Cosac Naify.
- Montenegro, Antônio Torres (1991) *História Oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, p.17-18.
- Pereira, José Carlos da Costa (1979) *Artesanato - definições, evolução e ação do ministério do trabalho programa nacional do desenvolvimento do artesanato*. Brasília: Ministério do Trabalho. (1957). *Artesanato e arte popular*. Bahia: Editora Progresso.
- Porto Alegre, Sylvia (1992) *Fontes inéditas para a história indígena no Ceará*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará (Caderno do NEPS). (1994) *Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição*. São Paulo: Maltese.
- Senac. DN.(2002) *Fios e fibras / Elias Fajardo; Eloi Valege; Gilda Joppert*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional.
- Williams, Raymond (1992) *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Maria de Jesus Farias Medeiros. Graduada em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará - UFC, especialista em Metodologia do Ensino em História pela Universidade Estadual do Ceará-UECE e Design Têxtil de Moda - Faculdade Católica do Ceará - Marista Fortaleza(estudante). Mestranda em Administração: gestão estratégica e instrumental de Marketing-UFC. Professora do Curso Superior Tecnológico de Estilismo em Moda da Faculdade Católica do Ceará - Marista Fortaleza, leciona as disciplina de História da Indumentária, História da Moda e Modelagem Tridimensional. Foi docente da UFC do Curso de Estilismo e Moda de 2000 a 2005; Curso Técnico do Vestuário -SENAI- Serviço Nacional da Indústria de 2000 a 2002. Atua profissionalmente como estilista de moda no mercado de confecção e moda e presta consultoria em capacitação e profissionalização junto as instituições governamentais e não-governamentais. jesuspop10@yahoo.com.br. Brasil.

Design do vestuário: tipologias de modelagens nos processos de desenvolvimento de produção de roupas

Maria de Jesus Farias Medeiros

1. Introdução

1.1 Perfil da indústria do vestuário

A economia brasileira se firmou na década de 1950, incluindo a indústria do vestuário que possui elevado número de empresas com características de fragmentação e diversidade de escalas produtivas, causando heterogeneidade nas unidades fabris, condição que remete a repercussão nos processos de industrialização na sua produção.

Goularti (1997) explica que “as indústrias fragmentadas comumente se constituem de grande número de empresas de pequeno e médio portes”, característica predominante da indústria de confecção de roupas, sendo este modelo em grande parte, ainda vigente. Assim “até os anos de 1990, estabelecer uma indústria de confecções” não apresentava grandes problemas relativos à escala de produção, à tecnologia de processos ou de produto, ao montante do volume dos recursos necessários ou à especialização da mão-de-obra, significando não existir barreiras técnicas para a participação de novos entrantes”. Neste sentido o século XXI reserva novos paradigmas, diante da abertura de mercado. De acordo com a classificação de clientes industriais que levam a escolher determinada tecnologia, seja em termos de equipamentos, organização da empresa e da produção, atribui-se quatro segmentos principais da indústria de confecção de vestuário. São